

O GOVERNO DE SI NO ENTREMEIO DOS DISCURSOS DE VERDADE DE UM PROCESSO AUTÔNOMO DE FORMAÇÃO DOCENTE

Carmen Brunelli de Moura (1); Marluce Pereira da Silva (2); Dione Marques Figueiredo Guedes Pereira

Universidade Potiguar – carmenbm2005@gmail.com (1); Universidade Federal da Paraíba-marlucepereira@uol.com (2); Instituto Federal da Paraíba – IFPB / Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN/PPGEL - dionemarquesf@gmail.com (3)

Resumo: Em uma época de transformações, incertezas e de ações de curto prazo abre-se um leque de oportunidades e vantagens aos sujeitos, mas que exige deles um conjunto de habilidades e competências diferentes. As subjetividades precisam deixar a estabilidade de suas comunidades e lançarem-se em ações transformadoras nas quais devem adequar-se para sua própria sobrevivência. A mídia educativa com seus regimes de verdade são um desses espaços transformadores que orientam modos de ser professor com ênfase em um processo de desenvolvimento profissional autônomo. A revista *Nova Escola* é uma revista pedagógica que assume um papel subjetivante a partir dos anos 1990 ao equipar o professor com verdades acerca do cuidado com o corpo em direção ao governo de si. A partir da compreensão desse papel subjetivante que assume a revista *Nova Escola* entre professores e duvidando de alguns sentidos naturalizados, problematiza-se: como se constituem as subjetividades do professor em face dos discursos de verdade voltados para o cuidado com o corpo que atravessam um texto publicado no periódico na seção “Saúde”? Na escrita desta análise, objetiva-se descrever os discursos de verdade que instituem uma formação autônoma do professor frente aos jogos de verdade da *Nova Escola* que ensinam um outro modo de ser e de conduzir-se em relação aos cuidados com o corpo. Esse trabalho inscreve-se metodologicamente na perspectiva interpretativista discursiva e teoricamente, no campo de estudos pós-estruturalistas que passam a redimensionar as ideias de que o desenvolvimento profissional é constituído por saberes plurais. Os resultados evidenciam que, a mídia educativa, especificamente, a *Nova Escola*, equipa o professor a partir de discursos de verdade que lançam o professor a uma contínua reinvenção de si mesmo por meio de um processo de desenvolvimento profissional autônomo que sugere uma educação permanente.

Palavras-chave: Verdades, Governo de si, Professor, Formação autônoma.

INTRODUÇÃO

[...] escrever uma história da educação de um outro modo: menos centrado no papel do Estado. (CASPARD,1993).

Ao trazer o tema do desenvolvimento profissional autônomo para este trabalho, pensamos em buscar uma nova rede de significações que não circunscrevesse as práticas de formação docente apenas ao contexto escolar ou a contextos compreendidos como oficiais, ou seja, aqueles propostos pelo Estado. A ideia era ampliar estes espaços que, de uma forma ou outra, propusessem práticas nas quais os discursos de verdade (FOUCAULT, 2004a) transformassem as subjetividades docentes a partir de um leque de oportunidades. Ou como argumenta Caspard (1993, apud CATANI; SOUSA, 1999, p. 14), “[...] menos centrado no papel do Estado”.

Além disso, sentíamos falta de uma *expertise* educativa que apresentasse em seu funcionamento discursivo modos de conduzir as ações docentes e que estas estivessem voltadas para a governação de si. O objetivo dessas ações seria o de dotar o professor de certos conhecimentos, atitudes, capacidades, que ele não possuía antes, mas que ao final de uma relação pedagógica deveria possuí-los. As verdades presentes nessa relação com as quais o professor deveria ser equipado não teriam a intenção de que ele apreendesse saberes profissionais, mas a tarefa de transformá-lo, de modificar seu modo de ser consigo mesmo, com seu corpo e que o ensinasse a ser um outro professor.

Com a “redução” do papel do Estado no governamento da população, ampliam-se as alianças, pois como argumenta Foucault (1995, p.247), as “[...] formas e os lugares de ‘governo’ dos homens uns pelos outros são múltiplos numa sociedade” e a mídia educativa, principalmente, as revistas pedagógicas, toma para si a tarefa de governar a conduta do professor. Entre estas revistas, encontra-se a *Nova Escola* (NE) que se constitui em um “manual para a vida cotidiana”, é apontada como a “maior revista de educação do Brasil” e vem se mantendo no mercado de periódicos há mais de 30 anos, inicialmente, pela Fundação Victor Civita e, após 2016, pela Fundação Lemann.

Durante estes anos de circulação da revista *Nova Escola* evidencia-se, a partir dos anos 1990 e se torna recorrente entre 2000 e 2005, a produção de tecnologias do eu (FOUCAULT, 2004a) nas quais é possível evidenciar efeitos de um domínio do professor sobre si que era obtido não por meio de renúncias, mas pela apropriação e assimilação de verdades voltadas para o cuidado com o corpo. As verdades com as quais o professor é equipado não têm como objetivo a apreensão de saberes, mas a tarefa de transformá-lo, de modificar seu modo de ser, de ajudá-lo a cuidar de si mesmo. A partir da compreensão desse papel subjetivante que assume a revista *Nova Escola* entre professores e duvidando de alguns sentidos naturalizados, propusemos a seguinte questão: como se constituem as subjetividades do professor em face dos discursos de verdade voltados para o cuidado com o corpo que atravessam uma seção deste periódico?

Na escrita desta análise, objetivamos descrever os discursos de verdade que instituem uma formação autônoma do professor frente aos jogos de verdade da *Nova Escola* que ensinam um outro modo de ser e de conduzir-se em relação aos cuidados com o corpo. Para tanto, buscamos organizar o texto da seguinte forma. Na primeira seção abordaremos o processo de desenvolvimento profissional e a constituição de subjetividades. Na segunda, discorreremos acerca do processo de desenvolvimento

profissional autônomo e o governo de si do professor propiciado pelo investimento de práticas da mídia educativa. Por fim, a análise e discussão dos enunciados em uma matéria que constitui a seção Saúde da Revista Nova Escola; e as conclusões acerca da constituição das subjetividades do professor em face dos discursos de verdade voltados para o cuidado com o corpo.

PERCURSOS METODOLÓGICOS

Para descrever os discursos de verdade que instituem uma formação autônoma do professor em relação aos cuidados com o corpo nas páginas de Nova Escola, recorreremos ao campo da Educação, Filosofia e Linguagem, pois era preciso insistir na ideia de Foucault (1990, p.73) de que a linguagem “[...] não se fixa jamais numa positividade imóvel e penetrável”. A linguagem é acontecimento, é sempre algo que se renova, que se constitui para além daquilo que ela diz, que institui sujeitos, produz efeitos e ultrapassa fronteiras.

Este trabalho inscreve-se, então, metodologicamente na perspectiva interpretativista discursiva e teoricamente, no campo de estudos pós-estruturalistas que passam a redimensionar as ideias de que o desenvolvimento profissional é constituído por saberes plurais, não é realizado apenas no contexto do trabalho e compreende que a formação é uma construção individual e coletiva. Para isso, tomamos as contribuições epistemológicas de Garcia (1995), Rose (2001a, 2001b) e Foucault (2003, 2004a, 2011).

O primeiro passo foi delimitar na materialidade linguístico-discursiva da Revista apenas aquelas matérias que contribuem para a condução da conduta do professor em relação a sua pessoa que, conseqüentemente, vai se refletir na subjetividade profissional. Tomamos, então, entre as muitas seções como, *Cresça e aconteça*, *Navegar é preciso*, *Profissão professor*, *Ensinar bem é..*, a seção *Saúde*. Tanto esta como as outras procuram instrumentalizar discursivamente as subjetividades do professor para o século XXI, na condução de si e dos outros, após os anos 90 e até o ano de 2005.

O segundo passo foi trazer para esta discussão uma matéria da seção *Saúde* que evidenciasse essa discursividade voltada para o cuidado com o corpo. Tomamos, então, como objeto de estudo um texto multimodal, publicado na edição de novembro/1995, da revista Nova Escola na seção *Saúde*, páginas 42-45, que tem como chamada: “Cuide-se: lecionar pode deixá-lo doente.”. Para a apreensão dos sentidos que revelam o cuidado com o corpo, analisamos as estratégias linguístico-discursivas presentes na matéria e o texto imagético que revela um outro modo de representação da realidade.

Desenvolvimento profissional e subjetivação

Após os anos 1990, houve uma explosão discursiva acerca dos processos de desenvolvimento profissional no Brasil. Isso se devia ao cumprimento de um acordo feito pelo Estado com organismos internacionais de que até 2003 seria preciso satisfazer as necessidades básicas de educação. Entre essas necessidades, incluía-se o aperfeiçoamento do sistema de formação e capacitação do professor, nos quais o Estado neoliberal não tem mais a tarefa de realizador de tarefas, mas daquele que divide as tarefas com as instituições privadas que se encarregam de oferecer seus discursos de verdade e reordenar a *condução da conduta* do professor.

O professor passa, então, a constituir sua subjetividade a partir de tecnologias do eu (FOUCAULT, 2004a) que o fazem responsável por seu destino, por suas escolhas e por tornar-se um *expert* de si mesmo. Essas tecnologias do eu de condução da conduta se refletirão em metodologias, exercícios, em discursos de verdade que serão propostos pelo periódico aos professores e evidenciarão efeitos de uma “[...] história da maneira como os indivíduos são chamados a se constituírem como sujeitos” (FOUCAULT, 2004c, p. 214). Essas tecnologias do eu devem ser entendidas como “práticas racionais e voluntárias” (FOUCAULT, 2004c, p. 198) ou como diz Deleuze (1992, p. 123) “regras facultativas” pelas quais os professores são capazes de determinar princípios para conduzir a si e aos outros e também encontrar maneiras de se transformar a si, de modificar sua subjetividade.

Compreendido como uma educação que se dá ao longo da vida do professor e voltado para a educação profissional e pessoal, o processo de desenvolvimento profissional pressupõe inúmeras práticas que promovem uma complexa relação do professor consigo mesmo, com os outros e com a verdade. A expressão “desenvolvimento” parece superar a justaposição entre formação inicial e continuada e sua visão individualista, pois vai além da formação profissional, ampliando-se para a pessoal e desenvolvida como um processo que se amplia além da escola e dos saberes profissionais. Podemos entrever na expressão “processo” regras facultativas, dinâmicas, constitutivas, autoprodutivas.

Assim, o processo de desenvolvimento profissional traz implícita uma concepção de continuidade, interatividade e combinação de uma variedade de meios de aprendizagem e de relação entre a pessoa do professor e sua profissão. É preciso compreender que a aprendizagem só se faz quando o professor faz parte dela ou que se convence de que aquilo que lhe estão oferecendo irá repercutir positivamente em sua vida.

Por isso, na racionalidade neoliberal a relação entre aprendizagem e processos de desenvolvimento profissional do professor tende a deixar os espaços restritos da escola e das práticas oferecidas pelas instâncias oficiais e se expandir para outros espaços sociais, marcados pela diversidade e diferenças culturais.

Se antes as subjetividades do professor eram construídas apenas com os saberes científicos, produzidos na Academia; na atualidade, isso já não é mais possível. As subjetividades precisam ir além de uma teoria da profissionalidade (SHULMAN, 2005) e avançar em direção a práticas discursivas que privilegiem tecnologias alternativas de autoformação, autoconhecimento, autogoverno. São cuidados com o corpo, mente, lazer, espiritualidade, enfim, uma miríade de subjetividades que não são dadas a priori, mas se constituem em meio a jogos e discursos de verdade. De acordo com Rose (2001b),

[...] o lugar do sujeito é um lugar que tem que ser constantemente reaberto, pois não existe qualquer sujeito por detrás do “eu” que é posicionado e capacitado para se identificar a si mesmo naquele espaço discursivo: o sujeito tem que ser reconstituído em cada momento discursivo de enunciação. (ROSE, 2001b, p. 149).

Nessa reflexão de Rose é possível entrever o lugar dos discursos nos processos de constituição dos modos de subjetivação do professor, ou seja, que os discursos não são simplesmente frases, atos de fala, partes de texto, nem podem ser concebidos como descritores da realidade; eles constituem o mundo e os sujeitos que nele se inserem. Esse é o caso das subjetividades do professor que são efeitos dos discursos que se constituíram e se constituem sobre elas. Nesse sentido, as práticas discursivas são como uma abertura de um campo de alternativas e possibilidades oferecidas ao professor para a condução de sua conduta. Resta saber “[...] qual o campo atual das experiências possíveis” (FOUCAULT, 2011, p. 47) para o desenvolvimento do processo de formação autônomo do professor? É isso que vamos discutir no próximo tópico.

Desenvolvimento autônomo e governo de si

O processo de desenvolvimento profissional deve acontecer durante toda a vida do professor, e os *experts* não estão excluídos desse processo, pois são eles que conduzirão, com seus discursos e ações, a conduta do professor e a transformação em suas subjetividades. Os *experts* e seus jogos de verdade, nesse processo, continuam presentes só que com outros poderes, outras formas de governar, outros regimes de verdade e a

partir de outros jogos de verdade. Eles procuram aconselhar os sujeitos com práticas discursivas persuasivas, tentadoras, acolhedoras, sedutoras, amigáveis, a fim de maximizar as transformações das subjetividades. Eles não esperam disciplina incondicional, pois seu trabalho é o de conquistar as subjetividades e fazê-las entender que elas mesmas podem transformar a si por meio de discursos de verdade.

Garcia (1995) analisa diferentes modalidades de desenvolvimento profissional, mas, vamos nos ater apenas à autônoma por considerá-la a mais adequada aos propósitos deste trabalho. O processo autônomo é aquele que institui práticas de liberdade, de autocriação, autorresponsabilidade, autodomínio de si ou autoconstituição de si (FOUCAULT, 2004a). O professor se autogoverna a partir de uma relação consigo mesmo e do conhecimento de verdades e regulações em sua conduta. Segundo Garcia (1995), o desenvolvimento profissional autônomo corresponde a uma concepção na qual os professores tomam a decisão de aprender, com ou sem ajuda do outro, os saberes necessários para as mudanças pretendidas em sua vida profissional e pessoal. Esse processo resgata efeitos das tecnologias do eu, uma vez que são os próprios sujeitos a colocarem em prática, sozinhos ou com a ajuda de outros sujeitos, as mudanças necessárias à constituição de novas subjetividades.

Nessa modalidade, os professores são sujeitos capazes de conduzir, a partir de uma relação intersubjetiva, o seu próprio processo de aprendizagem e formação além de passarem a aprender de forma mais adequada, pois são eles que tomam a iniciativa de planejar, dirigir e selecionar as atividades que atendam aos seus anseios pessoais e profissionais. Todavia, isso não impede e nem desautoriza a relação com o outro, pois o processo de aprendizagem autônomo não é um processo isolado. Conforme Rajchman (1993),

[...] ao frisar a ‘subjetividade’ e a ‘subjetivação’, Foucault não pretendeu abandonar uma ética social ou coletiva em favor de uma ética individual ou privada. Quis, antes, repensar a grande questão da ‘comunidade’: a questão de como e porque as pessoas se agrupam, de como e porque se ligam umas às outras. (RAJCHMAN, 1993, p. 117),

Esse outro, no entanto, não pode ser qualquer um. Ele deve ser um conselheiro, um especialista, uma autoridade, uma celebridade, um expert, um “modelo de diretor espiritual” (HADOT, 2004), a “mestria de exemplo” (FOUCAULT, 2004a, p.158), um “engenheiro da alma humana” (ROSE, 1998, p.34), um modelo de comportamento transmitido e proposto ao professor, indispensável a sua formação e que, com suas verdades, modo de pensar e agir, sua exemplaridade, afeta as crenças pessoais, desejos, aspirações de cada um dos professores.

Essa expertise tem se tornado fundamental na contemporaneidade ao fazer parte das práticas de governamentalidade, propostas pelo neoliberalismo, que têm se refletido nas práticas discursivas da revista Nova Escola, uma vez que ela também não age só, mas fazendo alianças com o Estado e reafirmando discursos de que a educação é responsabilidade de toda a sociedade. A expertise do setor privado não deixa de funcionar como uma empresa e se torna ansiosa para “emprestar seus vocabulários, explicações e tipos de julgamentos” (ROSE, 2001a, p. 46) aos professores. São as práticas discursivas alternativas que passam a se fazer cada vez mais presentes na produção de uma verdadeira “revolução” pedagógica que talvez possa ser considerada uma das mais basilares da contemporaneidade – a mídia educativa.

Governo de si e discursos

A revista Nova Escola e seus discursos de verdade passam a se inserir como *governamentalidades*, cuja produtividade não se legitima mais pela coação do mando, pelas regulações, mas pelo controle sutil das subjetividades. O professor, nessa racionalidade, não está mais em uma posição de alienação, de adestramento, de policiamento, mas de participante do jogo, coautor do projeto e, para isso, deve defendê-lo, lutando pela sua efetivação. Para compreender como age este discurso no processo de desenvolvimento autônomo do professor, vamos tomar o texto multimodal “Professora, tome cuidado” e outros fragmentos textuais que constituem a matéria “Cuide-se: lecionar pode deixá-lo doente.” que vão explicitar o posicionamento da revista em relação ao cuidado do corpo para o governo de si.

Figura 1 – Nova Escola, ano X, n. 89, nov., 1995, p. 42.



A preocupação dos experts, que fazem parte da seção, é com o estresse, a garganta, a coluna, o estômago e as alergias. Para que o professor, leitor dessa revista, tome suas decisões, faça suas escolhas, para cada parte do corpo, o periódico apresenta as possíveis doenças que podem acometer o professor e as maneiras de mantê-

las sob controle. Em outra parte desta seção, a revista traz a imagem de uma professora escrevendo no quadro com giz, que na época já se constituía em um veículo de ácaros com vários agravantes para as vias respiratórias.

Neste texto multimodal, uma professora com aparência um tanto frágil, com as mãos na cintura, evidencia sinal de dores nas costas, no corpo, em vista de movimentos repetitivos. Essa posição em que se encontra a professora em frente ao quadro é uma atitude que se repete por horas a fio na rotina do professor de ensino fundamental e médio. O quadro em que escreve é marcado por letras amarelas e em caixa alta evidenciando que a professora deve ficar alerta, ou seja, tomar cuidado com sua saúde. O fundo verde do quadro está associado, entre outros efeitos, ao fato de que, de posse destes discursos de verdade da revista, será possível seguir em frente e decidir um caminho seguro para a própria vida.

Em outros momentos da seção, a discursividade enfatiza as “durezas da vida de professora” que não se resumem apenas ao cansaço ao final das aulas. A expressão “dureza” remete à própria vida do professor que se vê constantemente em meio a um turbilhão de compromissos e corridas de uma escola para outra. São essas “durezas” que podem “provocar ou agravar certas doenças”. De acordo com o expert médico Marcelo Ribeiro Junior, do Colégio Magno, de São Paulo, “a vida da professora é mesmo sofrida”, mas ele argumenta que esses problemas não caem do céu repentinamente, pois “todos eles carregam sintomas que avisam à professora a hora de tomar mais cuidado e procurar um médico”.

Nesse enunciado evidenciam-se efeitos de responsabilidade do professor por sua saúde, uma vez que na contemporaneidade, é cada vez mais contumaz os discursos voltados para os cuidados com a “boa saúde”, para o governo de si. Isso se evidencia no vocábulo “mais” que recupera efeitos de que o professor nunca se descuidou de sua saúde, mas agora há um regime que não funciona como “[...] um corpo de regras universais e uniformes; é, antes de mais nada, uma espécie de manual” (FOUCAULT, 2003, p. 97) que o professor deverá ter à mão e utilizá-lo quando sentir necessidade. Além dos cuidados com o corpo, é preciso evitar “café, cigarro ou pedaço de chocolate no intervalo das aulas”, pois seu uso afeta a mucosa das cordas vocais. O que fazer então? Quais exercícios são indicados para que a professora seja autônoma e responsável por seu corpo e suas ações?

Inicialmente, de acordo com a matéria, tomar “chá de camomila” e depois, seguir algumas recomendações para “enfrentar com mais coragem e disposição a maratona do dia a dia”. Esta é uma das maneiras que a revista encontra para promover um trabalho de condução da conduta do professor em direção ao governo de si mesmo. Para

isso, o professor deverá munir-se de “coragem” e “disposição” se quiser encontrar outros modos de “praticar a arte da vida” (BAUMAN, 2009, p. 99), de transformar suas subjetividades, de estar no mundo, de escolher novas e melhores oportunidades dentre as várias práticas que se apresentam, pois “[...] a vida atualmente não é nada fácil” (FOUCAULT, 2004a, p. 519) e isso é comprovado na materialidade linguística do discurso do médico quando ele enuncia: “a vida [...] é mesmo sofrida”. Em outras palavras, o que o médico está tentando traduzir são efeitos que reiteram as “durezas da vida de professora”. Não é a vida que é sofrida, mas a vida “da” professora.

Conclusões

Com essas práticas de liberdade, a expertise da mídia educacional passa a multiplicar os exercícios que equipam o professor com verdades que perpassam não apenas sua formação, mas também sua transformação em direção ao governo de si. Nesse sentido, o processo de desenvolvimento profissional autônomo se faz presente nessas práticas, pois em nenhum momento o professor é obrigado a fazer os exercícios. É preciso entender que, embora os apelos pela formação constante e cada vez mais apurada sejam exigências da governamentalidade neoliberal, o professor é conduzido a ter autocontrole sobre sua formação, uma vez que é ele quem decide quando aprender, quando aprofundar seus saberes ou quando não fazer nada disso e sofrer as consequências pelas suas escolhas.

Nossa intenção, neste artigo, foi de apontar como as governamentalidades estão produzindo tecnologias do eu ou práticas de si que permitem ao professor viver de outra forma por meio de exercícios de autorregulação e autogoverno. Embora os discursos contemporâneos estejam sempre impulsionando o professor para a diversidade, ou seja, para diferentes atribuições que precisam ser adaptadas a subjetividades também flexíveis, as governamentalidades pouco operam com práticas discursivas coercitivas. Os governos agem de forma persuasiva e por meio de tensões que se fazem presentes quando os sujeitos constatam que sua vida poderia ser melhor se eles colocassem em prática os inúmeros procedimentos, exercícios, objetivos, enunciados pelos experts.

É a mídia educativa equipando o professor de verdades consideradas pelo periódico como relevantes para produzir subjetividades mais autônomas. No processo de desenvolvimento profissional autônomo, a condução do professor é propiciada pela equipagem de discursos de verdade que lançam o professor a uma

contínua reinvenção de si mesmo. Esse jogo de verdades proposto por Nova Escola, com a participação dos experts convidados, não deve ser concebido como uma “[...] obediência nua ao saber do outro; [ele deve] ser, por parte do indivíduo, uma prática refletida de si mesmo e do corpo” (FOUCAULT, 2003, p. 97). Ao disponibilizar os discursos de verdade dos experts, a revista coloca, então, à disposição do professor, um conjunto de exercícios que se farão necessários para a condução de sua conduta, para o governo de si mesmo.

Referências

BAUMAN, Zygmunt. *A arte da vida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

CATANI, Denice Bárbara; SOUSA, Cynthia Pereira. (Orgs.). *Imprensa Periódica Educacional Paulista (1890-1996)*. São Paulo: Plêiade, 1999.

DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

FOUCAULT, Michel. “Qu’est-ce que les Lumières?”, *Magazine Littéraire*, n. 207, p. 35-39, maio, 1984. (Retirado do curso de 5 de Janeiro de 1983, no Collège de France). Traduzido a partir de FOUCAULT, Michel. *Dits et Écrits*. v. IV. Paris: Gallimard, 1994, p. 679-688, por Wanderson F. do Nascimento. Disponível em: <<http://filoesco.unb.br/foucault/iluminismo.pdf>>. Acesso em: 10 jan. 2008.

_____. *O pensamento do exterior*. São Paulo, Princípio, 1990.

_____. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, Hubert; RABINOW, Paul. (Org.). *Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995, p. 231-49.

_____. *O uso dos prazeres*. 10. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2003.

_____. *A hermenêutica do sujeito*. São Paulo: Martins Fontes, 2004a.

_____. *A arqueologia do saber*. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004b.

_____. *Ética, sexualidade, política*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004c.

_____. *O governo de si e dos outros*. São Paulo: Martins Fontes, 2011. p.13.

GARCIA, Carlos M. A formação de professores: novas perspectivas baseadas na investigação sobre o pensamento do professor. In: NÓVOA, Antônio (Coord.). *Os professores e a sua formação*. Lisboa: Dom Quixote, 1995, p. 51-76.

HADOT, Pierre. *O que é filosofia antiga*. São Paulo: Loyola, 2004.

ROSE, Nikolas. Governando a alma: a formação do eu privado. In: SILVA, Tomaz T. (Org.). *Liberdades reguladas*. Petrópolis: Vozes, 1998. p.30-45.

_____. Como se deve fazer a história do eu? *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 26, n. 1, p. 33-57, jan./jul. 2001a.

_____. Inventando nossos eus. In: SILVA, Tomaz T. *Nunca fomos humanos – nos rastros do sujeito*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001b. p.137- 204.

SHULMAN, Lee S. Conocimiento y enseñanza: fundamentos de la nueva reforma. Profesorado. *Revista de currículum y formación del profesorado*, 9, 2 (2005), p. 1-30. Disponível em: <https://www.ugr.es/~recfpro/rev92ART1.pdf> . Acessado em 03/08/2017